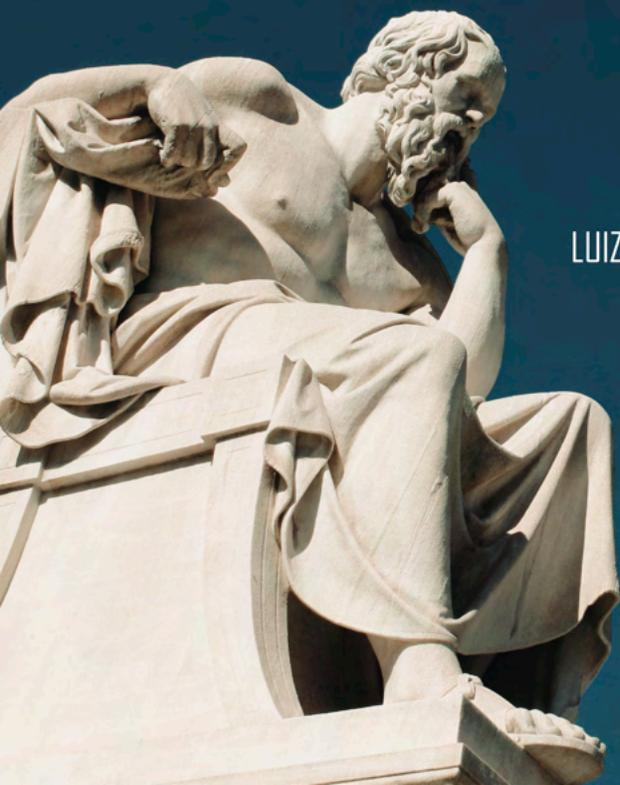


REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES  
(ORGANIZADOR)

Atena  
Editora  
Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA



LUIZ MAURÍCIO BENTIM DA ROCHA MENEZES  
(ORGANIZADOR)

**Atena**  
Editora  
Ano 2021

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

## Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Flávia Roberta Barão  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

R332 Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia /  
Organizador Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes.  
– Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-634-5

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.345212311>

1. História da filosofia. I. Menezes, Luiz Maurício  
Bentim da Rocha (Organizador). II. Título.

CDD 109

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

## APRESENTAÇÃO

A coleção “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” é uma obra que tem como foco principal a discussão filosófica por intermédio de trabalhos diversos que compõe seus capítulos. O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da história da filosofia.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país. Em todos esses trabalhos a linha condutora foi o aspecto relacionado à história da filosofia, de maneira que possamos abranger ao máximo a reflexão sobre estudos recentes em matéria de filosofia.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e doutores, assim todos aqueles que de alguma forma se interessam pela história da filosofia. Possuir um material que demonstre evolução de diferentes pensamentos em filosofia e que tenham uma contribuição relevante para o desenvolvimento da crítica, assim como a abordagem de temas atuais e de interesse direto da sociedade.

Deste modo a obra “Reflexões sobre filosofia e a partir da história da filosofia” apresenta uma teoria bem fundamentada em estudos feitos por diversos professores e acadêmicos que arduamente desenvolveram seus trabalhos que aqui serão apresentados de maneira concisa e didática. Sabemos o quão importante é a divulgação científica, por isso evidenciamos também a estrutura da Atena Editora capaz de oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores exporem e divulguem seus resultados.

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
A FACULDADE DE JULGAR O QUE É BELO PARA IMMANUEL KANT: A LÓGICA RACIONAL DO IRRACIONAL?	
Adriano Rodrigues Mansanera	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123111">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123111</a>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>9</b>
ALTERIDAD Y LITERATURA: LA PROPUESTA DE GRACILIANO RAMOS	
Patricia Bernarda Vilcapuma Vines	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123112">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123112</a>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>18</b>
APROXIMAÇÕES FENOMENOLÓGICAS À <i>ILUSÃO DE ONIPOTÊNCIA</i> DE WINNICOTT	
Cristian Marques	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123113">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123113</a>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>30</b>
ENTRE CIÊNCIA E ESPIRITUALIDADE: MÚSICA PITAGÓRICA E ASTROLOGIA	
Félix Manco Ramos	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123114">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123114</a>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>43</b>
BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A FILOSOFIA TRÁGICA NO EXPERIMENTO DE PENSAR DO JOVEM NIETZSCHE	
Sandro Melo Batalha Cardoso	
Ivys de Alcântara Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123115">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123115</a>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>57</b>
ÉTICA DE E. LÉVINAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: TOTALIDADE, INFINITO, SENSIBILIDADE E O FRENTE A FRENTE	
Luiz Fernando Gomes Ferreira	
José Manfroi	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123116">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123116</a>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>73</b>
O NOVO ESTATUTO DO CONHECIMENTO NA FILOSOFIA DO CÉTICO CARNÉADES	
Ísis Lopes D'Oliveira Zisels	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123117">https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123117</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>83</b>
TALES DE MILETO: UN HÉROE DE SABIDURÍA ENIGMÁTICA	
Joseph Max Espiritu Ventocilla	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123118>

**CAPÍTULO 9..... 93**

TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL, VYGOTSKY E MARXISMO: APONTAMENTOS PARA  
UMA COMPREENSÃO CRÍTICA

Renata Dalbianco Ferreira dos Santos  
José Alberto Lechuga de Andrade Filho  
Alexandra Ayach Anache

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3452123119>

**CAPÍTULO 10..... 101**

A FUNÇÃO DO MITO EM PLATÃO

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.34521231110>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 110**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 111**

## ÉTICA DE E. LÉVINAS EM TEMPOS DE PANDEMIA: TOTALIDADE, INFINITO, SENSIBILIDADE E O FRENTE A FRENTE

*Data de aceite: 01/11/2021*

### **Luiz Fernando Gomes Ferreira**

Cursou o 6º semestre de Filosofia na Universidade Católica Dom Bosco. Pesquisador Voluntário do Programa de Iniciação Científica pelo PROJETO: CONTRIBUIÇÕES DA ÉTICA PARA A DISCUSSÃO DO CUIDADO NA ATENÇÃO EM SAÚDE MENTAL Caratinga, Minas Gerais  
<http://lattes.cnpq.br/8470584650548392>

### **José Manfro**

Professor da Universidade Católica Dom Bosco (UCDB). Ministra aulas na graduação nas disciplinas de Metodologia Científica, Filosofia e Sociologia, e na pós-graduação nas disciplinas de Métodos e Técnicas de Pesquisa, Metodologia do Ensino Superior e Paradigmas do Conhecimento

Artigo apresentado à Universidade Católica Dom Bosco como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Filosofia e submetido no XXIVº Encontro de Iniciação Científica da UCDB.

**RESUMO:** O presente trabalho objetivou analisar determinados conceitos da ética do filósofo lituano Emmanuel Lévinas, para consultar uma possibilidade de relação frente a frente nestes tempos de pandemia. A pesquisa teve como método a revisão narrativa de literatura da tradição filosófica ocidental da qual Lévinas é partícipe, e sobre artigos que retratam algumas consequências da Pandemia Covid-19. Tal

relação abordada transcende a compreensão de relações intersubjetivas baseadas nas relações ontológicas determinadas pela relação sujeito e objeto. Concomitantemente, essa relação está para além do contato físico, não que este não seja necessário, mas intenciona abordar um fundamento que resguarda a alteridade, respeite o “Outro” que se manifesta ao “Mesmo” sem que haja uma totalização. Verificou-se que as categorias filosóficas da ética de E. Lévinas contribuem para a relação frente a frente nestes tempos de pandemia e conseqüentemente, mesmo na ausência do contato físico, há o sinal de sensibilidade e cuidado do outro.

**PALAVRAS-CHAVE:** 1. Totalidade. 2. Infinito. 3. Sensibilidade. 4. Frente a Frente. 5. Pandemia.

### ETCHES OF E. LEVINAS IN TIMES OF PANDEMIC: TOTALITY, INFINITY, SENSIBILITY AND FACE-TO-FACE

**ABSTRACT:** The present article aimed to analyze certain concepts of ethics of the Lithuanian philosopher Emmanuel Lévinas, to consult a possibility of a face-to-face relationship in these pandemic times. The research had as method the narrative review of literature of the western philosophical tradition of which Lévinas is a participant, and on articles that portray some consequences of the Covid-19 Pandemic. Such an approached ratio transcends the understanding of intersubjective relations based on the ontological relations determined by the ratio between subject and object. Concomitantly, this relationship is beyond physical contact, not that it is not necessary, but it intends to address

a foundation that protects alterity, respecting the “Other” that manifests itself to the “Same” without there being a totalization. It was found that the philosophical categories of E. Lévinas’ ethics contribute to the face-to-face relationship in these pandemic times and consequently, even in the absence of physical contact there is a sign of sensitivity and care for the other.

**KEYWORDS:** Totality, Infinity, Sensibility, Face-to-Face, Pandemic.

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente trabalho baseando-se na ética Levinassiana objetivou apresentar as possibilidades de uma relação ética do “frente a frente” mediada pelos meios de comunicação nestes tempos de Pandemia da Covid19. Como podemos nos relacionar quando um vírus está nos atingindo e impondo-nos um isolamento social, e acima de tudo justamente em um momento em que estamos sujeitos aos jogos das grandes potências políticas e econômicas?

A relação do “frente a frente” não se condiciona a qualquer tipo de representação ou compreensão objetiva. O filósofo lituano denomina essa relação no campo transcendental e não no campo da objetividade do conhecimento. Tal relação abre as portas para a hospitalidade, o acolhimento do “Outro”, que revela o que o autor estudado chama de terceiro termo. Este terceiro termo é aquele que contemplo, o infinito. Contudo, essa relação deve superar as totalidades que a privam, deve superar a bagagem histórica das relações e imposições ontológicas apresentadas ao longo da história.

O estudo das categorias da ética Levinassiana permitiu-nos abordar a realidade atual em que dezenas de países sofrem as consequências da Pandemia Covid-19 que isolam os seres humanos e não permitem sua relação física. Nisso nos perguntamos como há uma possibilidade de uma ética se não nos é permitido o contato. Para isso a filosofia de Emmanuel Lévinas nos responde dando um fundamento à ética, quebrando certas compreensões e visões de uma ética somente moral, superficial ou até mesmo baseada na estética, em que os indivíduos agem de forma aparente, à qual agrada os olhos de quem o contempla e consigam a admiração necessária para suprir as necessidades do próprio ego.

Diante à realidade contemporânea em que as relações são fundamentadas em sistemas racionais, ontológicos, destacados principalmente na filosofia de Kant, Hegel e Martin Heidegger, levando incansavelmente a tese da ontologia como filosofia primeira seja direta ou indiretamente, que surge o pensamento de Emmanuel Lévinas. Este experimentou o cativo imposto pela Segunda Guerra Mundial na ditadura de Hitler e teve a oportunidade de frequentar e ter contato com o pensamento da escola de Marburgo.

O autor lituano nasceu em Kovno, República da Lituânia, em 1906. Seu pensamento em primeiro momento foi influenciado pela filosofia de seu mestre Edmund Russel e Martin Heidegger em que a obra “Ser e Tempo” foi de suma importância para a construção do seu pensamento sobre as totalidades impostas pela pergunta “o que é?” e pelo tempo que massacrava esse ser na existência. É a partir desse contexto que podemos inferir sobre

a atual conjectura da humanidade em que se instaura, ao menos arrisca-se a dizer, uma crise ética em que a preocupação com o outro e o seu cuidado, a sua acolhida, isto é, hospitalidade não tem sido prioridade, instaurando assim a supremacia de um “Eu Mesmo Egoísta”.

## 2 | TOTALIDADES E PANDEMIA

A consistência de tratar uma possível relação do “frente a frente” é buscar justificações para tal. É esboçar um fundamento que nos leva a relacionar com o Outro que me apresenta, que me é exterior e não uma tentativa de esboçar um plano ético de como se relacionar com o Outro que me apresenta exteriormente.

Dito isso, o passo a dar é buscar possibilidades de um relacionar pelo frente a frente Levinassiano nestes tempos atuais em que somos afetados por uma pandemia, a Covid-19. Para tratar dessas possíveis relações recorreremos a alguns conceitos em que o autor Emmanuel Lévinas dispõe em algumas de suas obras no campo da Ética, e por algumas realidades atuais que insistem uma discussão que resulta nesse campo.

A relação do frente a frente se torna possível quando há um rompimento com as totalidades, então entendê-las é o primeiro objetivo. Tratar de totalidades resulta-se na consequência ontológica. Esta, é um sistema excludente que está a permear a realidade e a forma de pensar do ocidente moderno, fundamentado por insignes pensadores, Kant, Hegel, Heidegger em sua ontologia do ser e tempo, entre outros. A discussão e o diálogo entre Ética e os dias atuais nos questionam se há uma crise ética quando tentamos de algum modo preservar a sobrevivência da humanidade.

O pensamento Levinassiano toma lugar a partir das ontologias traçadas na vida cotidiana como totalidades que expressam o desinteresse pela vida de outrem, pela responsabilidade que nos é inerente ao outro. Primeiramente, é necessário fazer entender o que é uma totalidade expressada como um sistema ontológico. A ontologia como nos apresenta Lévinas (2007, p. 24) é a compreensão do verbo ser. Ela se distingue de outras áreas do conhecimento pois não realiza o estudo do ente, mas do ser deste ente. Sendo assim dizer que a contemporaneidade vive tomada por ontologias significa que ela vive permeada de relações que se dão a partir do ser e não pela interrogação do ente que me apresenta. Esta não é uma relação ética, mas uma relação ontológica, uma relação de conhecimento.

De acordo com o pensamento de Lévinas, uma ontologia é sempre uma totalidade, pois ao tematizar o ser ela não tematiza o ente que se dá na relação e assim traz à consciência a compreensão realizada na experiência com o objeto. Sempre nos perguntamos pelo que é, e isso é caracterizado como uma relação de conhecimento entre um eu que pergunta e o objeto que se manifesta. Logo a ação do ser que conhece é trazer à consciência uma resposta e esta satisfaz aquela necessidade do saber. Não estamos buscando desconstruir

o caminho ontológico, mas dar o seu devido valor e lugar, já adiantando o que diremos à frente, não o de filosofia primeira.

Concomitantemente a resposta que satisfaz, sacia, é sinal de uma compreensão do que me veio à consciência, resultando assim na compreensão do outro que se manifesta. Apresenta-se desta forma a ontologia como filosofia primeira, aquela que dá um fundamento para partir e finalizar uma discussão. Não cabe neste artigo apresentar a crítica de Lévinas à Heidegger, mas entender em que sentido nasce essa totalidade e porque esta tem uma consequência severa na vida do ocidente.

O primado da Ontologia Heideggeriana não assenta sobre o truísmo: <<para conhecer o ente, é preciso ter compreendido o ser do ente>>. Afirmar a prioridade do ser em relação ao ente é já pronunciar-se sobre a essência da filosofia, subordinar a relação com alguém que é um ente (a relação ética), a uma relação com o ser do ente que, impessoal como é, permite o sequestro, a dominação do ente (a uma relação de saber), subordinam a justiça e a liberdade. (LÉVINAS, 1988, p. 32)

Uma totalidade é representada pela subsunção de um outro a mim mesmo. É a capacidade de tornar o outro parte de mim, isto é, se as totalidades são ontologias, é a capacidade do Eu integrar a si o ser que lhe é exterior que outrora se apresentou. Essa é a relação do conhecimento, tornar para si o que se compreende do objeto. Está direcionado ao modelo de conhecimento visível no ocidente sustentado pela ontologia, sendo uma capacidade de reduzir o outro às compreensões, representações do eu mesmo. É o tornar familiar ao “Eu mesmo” apresentado por Emmanuel Lévinas, integrando a si este outro, que agora faz parte de mim, resultando em uma relação homogênea, na morte do exercício da alteridade. O outro se torna um produto de conhecimento.

Conforme Lévinas, na relação ontológica a figura do ente fica deixada de lado dando prioridade ao ser, que por sua vez impessoal é sequestrado pelas representações, e ou uma tentativa de compreensão desse ser. Isto é, na relação ontológica, compreendendo o ser, faço dele parte de mim. Esse sequestro acontece muitas vezes na relação sensível com o mundo, mas uma relação em que a realidade se adequa ao ente. Essa ontologia se apresenta em Aristóteles e também em Heidegger.

O papel da visão refletido por Lévinas (1988, p. 184), ao analisar essas ontologias, é tomar, captar o que se apresenta na luz, isto é, qualquer coisa pode ser captada a partir de um lugar iluminado, assim acontece com o rosto, ou seja, o “Outro” que entra em contato comigo pode ser compreendido por mim uma vez que o vejo. Isso é totalmente oposto à ideia de alteridade em que o rosto não pode ser compreendido pelo mesmo. A compreensão do outro resulta em integrá-lo a mim, às minhas necessidades e vontades, posso usá-lo, tenho e exerço poder sobre o outro. Este ter poder é uma qualidade da ontologia. Nisso consiste o que o autor lituano acredita, em uma violação de outrem, onde descumprimos com nossa responsabilidade pelo infinito que se manifesta como terceiro no rosto de outrem que me é exterior.

Consequentemente ao que tem-se tratado é preciso se perguntar nas consequências dessas totalidades de forma mais clara e o que ela se relacionaria com as relações em tempos de Pandemia. Notoriamente também nos perguntamos como fugir ou vencer estas totalidades que se apresentam encarnadas de várias formas na sociedade. Por isso, nesta perspectiva, ao entendermos o papel das totalidades, compreendemos a consequência que se manifesta de maneira direta em nossos dias atuais com a vivência da Pandemia Coronavírus, em que percebemos como totalidades representantes governamentais, sistemas políticos que exercem certa forma de domínio e poder. Arelado a isso se enlaça a temática do messianismo em que certas nações ou certa nação, povo ou classe possa ser a escolhida, a preferida ou a mais qualificada nisto ou naquilo, podendo receber os benefícios que a outros são negligenciados e negados. Objetivamente quem não se compreende dentro dos quesitos estabelecidos está posto do lado de “fora” gerando assim exclusão e por consequência morte.

O autor lituano nos ajuda a compreender que as totalidades sempre geram a exclusão do terceiro, da exterioridade. A exclusão gera um sentido de irresponsabilidade sobre o outro, e nestes tempos de Pandemia o que se percebe é a irresponsabilidade pelo “Outro”, pelo que me é exterior, podendo ser aplicada a outras nações, à pessoas que possuímos cargas afetivas, as que não nos pertence afetivamente, ou seja, que não possui laços. Isso manifesta o movimento deste espírito totalitário que decantado na cultura ainda insiste em justificar suas atitudes com mentiras fadadas de verdade e ou tipos de messianismos que prometem um status de salvação aos discípulos aderentes.

Em um caso apresentado pela autora Judith Butler expõe-se claramente os termos citados anteriormente com a tentativa de monopolização de vacinas contra a Covid19, expondo certo desinteresse por outras nações, por outras famílias, por pessoas que não se agregam ao Eu mesmo de uma referida nação, e neste caso a Estadunidense. Ao mesmo tempo outras atitudes se englobam ao que referimos sobre as totalidades, como tentativas de manipular o giro de capital, de capitalizar o sofrimento que a sociedade vive nestes tempos, de efetivar e reforçar a desigualdade.

*Por cierto, se mueve y ataca, el virus demuestra que la comunidad humana es igualmente frágil. Al mismo tiempo, sin embargo, la incapacidad de algunos estados o regiones para prepararse con anticipación (Estados Unidos, es quizás el mímembro más notório de esse club), el refuerzo de las políticas nacionales y el cierre de las fronteras (a menudo acompañado de racismo temeroso) y la llegada de empresários ansiosos por capitalizar el sufrimiento global, todos dan testimonio de la rapidez con la que la desigualdad radica, que incluye el nacionalismo, la supremacía blanca, la violencia contra las mujeres, las personas queer y trans, y la explotación capitalista encuentran formas de reproducir y fortalecer su poderes dentro de las zonas pandémicas. (BUTLER, p. 60)<sup>1</sup>*

<sup>1</sup> Aliás, ele se move e ataca, o vírus mostra que a comunidade humana é igualmente frágil. Ao mesmo tempo, porém, a incapacidade de alguns estados ou regiões de se prepararem com antecedência (os Estados Unidos talvez sejam o membro mais notório deste clube), o reforço das políticas nacionais e o fechamento das fronteiras (muitas vezes acom-

Por um lado, percebe-se o que tratamos sobre as totalidades, que por falta de sensibilidade entende-se que qualquer sacrifício para que suas nações sobrevivam, haverá de ser feito, mesmo que isso custe vidas humanas, crises políticas e econômicas, crise ética e moral. Essas crises que favorecerem os grandes poderes são justificáveis pelos discursos e não permitem a manifestação do diálogo. Está aí uma viva retórica sofística.

Como vimos, a decantação da totalidade não é restrita a um ou outro âmbito, mas se decanta sobre o sistema político, o sistema econômico e cultural. O autor Luiz Carlos Susin (SUSIN, 1949, p. 65) revela-nos que na aplicação ontológica à economia, a pobreza e a riqueza medem o nada e o ser, isto é, podemos pensar que o nada seria quem tem menos ou tem nada e este indigno de existir ou de receber privilégios e o ser seria quem tem mais e digno de sua existência. É uma irresponsabilidade e em alguns casos uma negação da existência, negando um princípio básico para existir. A exclusão retira as condições de se caminhar pela terra e de se relacionar, de fruir do mundo que se apresenta a nós e como infere Lévinas, nos confronta.

O poder econômico revela-se como face de uma totalidade que porventura não se preocupa com a morte se o lucro justifica e alimenta a interioridade pobre e fraca do eu. Não se pretende aqui realizar uma crítica ou qualquer alusão a Karl Marx, apenas alegar que a posse econômica justifica em determinados casos as totalidades e suas consequências. Como nos apresenta Luiz Carlos Susin o dinheiro é a racionalidade que agiliza o comércio e potencializa a posse. É a posse do poder de possuir, potência de posse (Susin, 1949, p. 66). Sendo assim este poder de posse justifica as atrocidades contra os mais vulneráveis.

Formas simples que se decanta o descaso com outrem é a própria irresponsabilidade de determinados grupos que insistem afrontar as diversas recomendações dos órgãos de saúde, municipais, estaduais, nacionais e internacionais para o cuidado da saúde nestes tempos de Pandemia. Na referência à autora Judith Butler, captamos uma forte referência de uma crise ética, de um egoísmo que mata revelando no momento atual totalidades que não estão dispostas a acolher o outro com sensibilidade, com hospitalidade. A criação de muros de barreiras revela o total descaso com o outro, o que por sua vez não é o termo da sensibilidade.

### 3 | O INFINITO E O ROSTO

O tema do Infinito aborda neste estudo a centralidade do pensamento. Este Outro que por vezes é consumido nas relações de conhecimento é porta voz do Infinito, é o rosto que manifesta a transcendência, que manifesta o terceiro termo que possibilita a

---

panhados de temeroso racismo) e a chegada de empresários ávidos por capitalizar sobre o sofrimento global, todos testemunham a rapidez com que reside a desigualdade, incluindo nacionalismo, supremacia branca, violência contra mulheres, pessoas sapatões e trans, e exploração capitalista encontra maneiras de reproduzir e fortalecer seus poderes dentro de áreas pandêmicas. (Tradução livre).

justiça, eis a relação. O infinito é capaz de quebrar as totalidades, a relação metafísica é esta possibilidade de se quebrar as imposições ontológicas. Diz Lévinas (1998, p. 11/12) que essa relação com o “Outro” que manifesta o infinito, não pode ser exprimida pela experiência objetiva, justamente pelo fato da excedência que tem o infinito em relação à minha compreensão, isto é, ele não cabe, não pode ser medido e compreendido por minha razão, não como se dá no processo de conhecimento. Segundo o lituano, o rosto difere de todo o conteúdo representado.

A ideia do infinito presente no mesmo provoca esta interioridade e o Desejo do que lhe é exterior. Esse infinito que se manifesta no rosto na obra de Lévinas é a chave para basearmos esta recusa de ser conteúdo. Reforça-se a ideia de que não sou eu quem decido pelo que me é exterior, mas este, decide por si, por ser alteridade, por ser rosto que não será conteúdo de minha posse.

Na perspectiva do autor, a mediação entre o “Mesmo” e “Outrem” é dada na linguagem. A inviolabilidade da alteridade se dá no diálogo, na relação intersubjetiva em que eu solicito a presença do outro, e este questionando-nos, leva-nos a uma preservação da ética de “Outrem”. Como já retratado, a presença de um outro que não se encaixa na esfera do “Mesmo”, que não se torna familiar ao *Mesmo* é uma presença excedente, uma presença de infinito. A partir de um ditado que por milhares se houve dizer, a exemplificação disso se daria de uma forma simples: “não se pode colocar o oceano dentro de um copo d’água”. O oceano seria o infinito, e o copo de água a razão, a compreensão. Não cabe, não dá para forçar, pois quanto mais se tenta, mais transgrede a integridade do “Outro” violando sua alteridade e conseqüentemente, violando “Outrem, o Infinito”.

Segundo o autor, “a ideia do infinito ultrapassa meus poderes, - não quantitativamente, mas pondo-os em questão, como veremos mais adiante. Não vem do nosso fundamento *a priori* e, assim, ela é a experiência por excelência”. (LÉVINAS, 1988, p.190). Ou seja, se o infinito que está diante de mim ultrapassasse meus poderes por uma noção de quantidade, novamente teríamos a presença de totalidades, pois, seria o “Outro” que exerceria poder sobre mim. Conseqüentemente não poderíamos sair deste círculo vicioso. Contudo, quando tratamos da noção do pôr em questão, é a ideia já citada que o “Outro”, e o “Infinito”, leva o “Mesmo” a confrontar-se com suas más intenções. Porém é necessário acrescentar uma citação de Lévinas que comprove que o confronto entre o mesmo e o outro não se dá pela violência e nem pelo sangue:

A <<resistência>> do Outro não me faz violência, não age negativamente, tem uma estrutura positiva: ética. A primeira revelação do outro, suposta em todas as relações com ele, não consiste em apanhá-lo na sua resistência negativa e em cercá-lo pela manhã. Não luto com um deus sem rosto, mas respondo à sua expressão, à sua revelação. (LÉVINAS, 1988, p. 191)

Sempre que entramos em contato com o rosto nos perguntamos pelo quem se manifesta, já não possuímos aqui a relação com a pergunta sobre ‘o que se manifesta’.

O rosto interpela por si mesmo a relação ética e não uma relação de conhecimento. A pergunta e a resposta sobre este quem, sobre este rosto se coincidem, (LÉVINAS, 1998, p. 172). A presença do rosto interpela a responsabilidade, uma vez que manifesta a minha própria nudez com a sua excedência, possibilitando enxergar a culpa de nossos imediatos e passados assassinatos. Essa interpelação do rosto à minha interioridade provoca vergonha, pois o olho no olho, a expressão da face que manifesta a presença do infinito causa-me desconforto diante das tentativas de totalizar, de fruir e saciar as minhas necessidades, de objetificar o outro que me apresenta.

Milhares de rostos estão rotulados, fadados, esquecidos, já não são mais sagrados, foram totalizados. Onde estão os milhares de rostos? A desigualdade presente no cotidiano expressa esses rostos lacrados com preços, rotulados para serem consagrados no leilão destinados àqueles que possuem mais recursos e poder, estão destinados a sofrerem o descaso por serem pobres, marginalizados, excluídos e serão privados de seus quites de sobrevivência, enquanto outros estarão fadados a viverem sobre o privilégio da vida de luxo. “A desigualdade social e econômica assegurará que o vírus discrimina. O vírus por si só não discrimina, porém, os humanos seguramente o fazem, moldados como estamos pelos poderes entrelaçados do nacionalismo, racismo, xenofobia, e o capitalismo”. (BUTLER, 2020, p. 62). Aqui encontramos o consentimento de que determinadas potências que exercem poder e influência agem por um impulso intencional que visa somente o lucro.

A razão que justifica pensamentos e posições duras reduzindo qualquer manifestação de qualquer rosto que se apresente. Essas relações não permitem diálogo, e diálogo fruto da linguagem é a única capaz de permitir uma relação em que o “Outro” não seja tomado como posse. E se em casos não há uma solução para essa escorregadia transcendência, é perceptível o massacre, a forma brutal, impactante que o eu egoísta vai de encontro com o rosto, destruindo seus traços, sua dignidade, a justiça. É passar por cima de uma humanidade que vela o eu e o outro, que faz justiça. O massacre faz reinar a injustiça, a falta de diálogo, a irresponsabilidade, a insensibilidade.

Uma mediação da linguagem poderá contribuir para a valorização do rosto, do infinito. Poderá ser útil a presença do rosto mediado pelas mídias sociais, que farão vir à memória rostos esquecidos e que de alguma forma foram excluídos de sua manifestação excedente do infinito. Os meios de comunicação se tornam nos tempos de hoje eficazes para o cuidado, para a responsabilidade, para a hospitalidade. É uma oportunidade de curar a alma, de curar os corações de qualquer insegurança provocada pelo egoísmo.

Atualmente, cada foto, vídeo, lives, ou qualquer outra forma de expressão midiática em que expressa o rosto, o “infinito”, suscita-nos a partir de sua apelação, de seu questionamento, sua presença diante do “Mesmo”, a Bondade. Podemos exercer a virtude da bondade não para corresponder aos anseios da comunidade midiática, mas para corresponder aos anseios da vida, de cada argumento que valida a posição ética como anterior a qualquer outra anterioridade.

O infinito continua a resistir ao seu assassino, pois este rosto ainda que se deixe sofrer as consequências de um eu egoísta, resisti-lhe e garante manter a sua dignidade. É pura evasão, é pura transcendência, não se deixa cair aos domínios, não se torna familiar. “O seu rosto é expressão original, é a primeira palavra: não cometerás assassínio”. (LÉVINAS, 1988, p. 193). O infinito resiste até o final. Quando estamos olho a olho sentimos-nos nu, faz o “Eu” estremecer, sentir-se nu, envergonhado e totalmente sem defesa. O infinito apela à humanidade que está dentro do “Eu Mesmo” egoísta.

## 4 | A SENSIBILIDADE

Diante das totalidades, a sensibilidade possui um papel insigne para que haja um rompimento destas estruturas que retratamos anteriormente. Segundo Márcio Luis Costa, a sensibilidade em Lévinas parte de uma subjetividade que é irreduzível à compreensão humana (COSTA, 1998, p. 173). Esta sensibilidade não está reduzida ao grau da objetividade somente. Lévinas apresenta que se precisa avaliar esse termo de uma maneira transcendental e que não visa simplesmente a adequação do objeto às ideias e conceitos do sujeito, muito menos às qualidades das coisas, mas antes objetiva o que fundamenta as qualidades:

Uma fenomenologia transcendental da sensação justificaria o regresso ao termo sensação, que caracteriza a função transcendental da qualidade que lhe corresponderia – função que a antiga concepção da sensação, em que intervinha no entanto a afetação de um sujeito por um objeto, evocava melhor do que a linguagem ingenuamente realista dos modernos. (LÉVINAS, 1988, p. 183)

Nesta perspectiva em sua obra “Totalidade e Infinito” Lévinas apresenta que a sensibilidade como fruição é muito mais do que voltar-se ao objeto. A sensibilidade, logo, parte de uma subjetividade não tematizada ou não “tematizável”, é uma constituição pré-originária do sujeito, sendo anterior a qualquer anterioridade. Isto fundamenta que o tema da sensibilidade é pertinente para fundamentar a responsabilidade que temos por quem nos é exterior, isto é, por aqueles com quem convivemos e encontramos no dia a dia.

Podemos nos perguntar o que nos é exterior, e teríamos várias respostas, porém, esse trabalho ao se inclinar sobre a sensibilidade em Emmanuel Lévinas, percebemos que o que nos é exterior é aquilo que se dá a nós na luz. E a luz anterior ao objeto que se dá, fundamenta essa nossa sensibilidade ao não qualificável. Fundamenta porque a luz, que dissipa toda a treva produz um vazio no espaço quando não há nenhum objeto a ser qualificado. Porém mesmo que haja um vazio, percebemos na teoria Levinassiana que não há um vazio absoluto, pois lá se encontra o “há”. Este “há” é o não “tematizável”, é uma existência não categorizável. Aí está o fundamento da sensibilidade que é anterior a simples sensação objetiva das coisas que encontramos.

A humanidade sensível fundamentada na condição transcendental nos leva a

fugir de um fundamento moral, em que somos sujeitos a ter que ser e/ou fazer. Logo a sensibilidade no campo transcendental fundamenta a relação com outrem ultrapassando a experiência sensitiva em sua simples aplicação do termo. Conforme Lévinas, “A relação com outrem é a única que introduz uma dimensão da transcendência e nos conduz para uma relação totalmente diferente da experiência no sentido sensível do termo, relativa e egoísta” (LÉVINAS, 1988, p. 187). Isto constata-nos que a sensibilidade com o outro foge de qualquer intencionalidade que leve satisfação pessoal.

Nestes tempos em que há um fenômeno que ameaça a existência, o termo da sensibilidade nos evoca o cuidado, nos chama à acolhida, à hospitalidade. Sensibilidade e hospitalidade não são termos distantes e, portanto, inerentes, podendo contribuir para a preservação da vida e a solidariedade com a humanidade.

Ao contato com o infinito, a sensibilidade, hospitalidade, a responsabilidade nos abre um vínculo que respeita a alteridade e não a violenta. Porém, a alteridade não se assenta no Mesmo, mas por si mesma, interpelando e provocando o Mesmo. Conseqüentemente, esse respeito e preservação da alteridade nos ajuda a realizar um jogo de palavras sobre a teoria de Emmanuel Lévinas. Pensemos em uma subjetividade de uma nação, que deveria ser irredutível à compreensão de qualquer estado nação. Qualquer tentativa de imposição, totalizando critérios para se comparar qualitativamente qual nação seria apta para receber a vacina contra o vírus, seria uma violação e desrespeito do compromisso com a fraternidade humana.

A partir da sensibilidade tomada como hospitalidade, acolher na própria pele os que mais sofrem e tentar sentir a dor vivida com a perda de milhares de pessoas e de milhares de famílias de luto é um progresso nestes tempos de consentir, mesmo que de forma simples, com o plano da ética em que se visa a preservação da vida. Essa perda de sensibilidade revela uma fragilidade subjetiva, uma fragilidade humana no campo das relações que ainda se dão pelo conhecimento. O ser humano é objetificado, e conseguinte ele se torna um mero instrumento e, quando não mais apto, é descartável. No atual momento de Pandemia se torna um mero número no grupo dos contágios e outro mero número no grupo das mortes.

Entender essa sensibilidade anterior a qualquer anterioridade é permitir fazer presente uma subjetividade que também é anterior a qualquer anterioridade, (anterior à ontologia tendo assim presente uma anterioridade ética), é parte da constituição de cada indivíduo, concluindo-se que o indivíduo é responsável pelo outro desde sua constituição primeira, é parte de sua essência. Ignorar essa previsão ética é ir de frente à essência da vida, contra aquilo que faz parte da constituição humana, e se por vez é vida o contrário será a morte. Porém se vivida é capaz de gerar alteridade, gera intersubjetividade e não egoísmo.

A constituição pré-originária da subjetividade como sensibilidade abre as portas para a intersubjetividade constituída pré-originariamente como

“recebimento”. Relacionar-se com outro ser humano é recebê-lo antes de pensa-lo e antes de decidir ou não por seu recebimento. Um recebimento anterior à liberdade e à decisão de receber ou rejeitar. A fraternidade humana é o recebimento do “outro em mim. (COSTA, 1998, p. 175)

Essa afirmação de Márcio Costa não se adequa a alguns casos do momento atual, revelando a rejeição, a não inclusão de A e B. Não se considerada isto uma fuga da fraternidade humana, mas uma ruptura com essa fraternidade e com um Eu Mesmo que pela vergonha diante do outro que lhe excede a compreensão se faz hospitaleiro. Aí está a presença da totalidade, do egoísmo.

Em relação aos Estados, à economia manifesta-se com total descaso em relação à fraternidade humana. O vírus ultrapassando quase todas as fronteiras nacionais mostrou a unidade do mundo, mas que ainda é desmentida pelos governantes que não aceitam essa interdependência. “Quais são as consequências desta pandemia ao pensar na igualdade, na interdependência global e nossas obrigações mútuas”? (BUTLER, 2020, p. 60). A economia vê-se no papel de continuar capitalizando os recursos e manipulando por seu próprio interesse o que seria necessário para preservar, resguardar a vida.

Imagina-se que a maioria das pessoas pensam que é o mercado quem deveria decidir como se desenvolverá e distribuirá a vacina? É inclusivamente possível dentro do seu mundo insistir em um problema de saúde mundial que deveria transcender este momento da racionalidade do mercado? (BUTLER, 2020, p. 62)

A esta afirmação faz-se a tradução em termos levinassianos se será possível fugir dessas totalidades governamentais e econômicas. Tratemos aqui da responsabilidade que reconhecida é capaz de quebrar os grilhões da escravidão imposta pelas totalidades. A responsabilidade por outrem se assenta inicialmente como nos apresenta o Lituano, em uma subjetividade. Essa subjetividade, em Lévinas, tenta fundamentar-se em um ser para o outro.

Uma característica importante da sensibilidade não é somente fazer-nos olhar o caos pandêmico com suas perspectivas negativas, mas observá-lo diante da vivente fraternidade humana instaurada na preocupação com aqueles que mais necessitam de cuidado e atenção. A responsabilidade para com o outro neste momento está explícita no próprio distanciamento que realizamos. Se outrora o cuidado era na aproximação física agora poderia talvez dizer que há um cuidado que excede esta aproximação, ousando-se dizer de uma aproximação metafísica.

O Desejo metafísico não se esgota, não se sacia e por isso é desinteressado, levando-nos a dizer que mesmo na distância somos próximos daqueles rostos que se manifestam. O desejo como apresenta Lévinas (1998, p. 50), não parte do eu mesmo, mas do desejável, por isso não há interesse, e sim há revelação. Se partisse do eu, seria apenas necessidade, seria apenas algo a se saciar. A partir do Desejo Metafísico nos manifestamos solidários quando tomamos os dados de cada cidade, estado, país ao analisarmos o

número de casos contaminados e de mortos e sentimo-nos “culpados” por essa perda quando trilhamos caminhos egoístas, e no caso contrário nos sentimos responsáveis pelo outro quando tomamos as medidas estabelecidas pelos órgãos de saúde.

Não podemos enxergar no descaso a necessidade de usufruir da condição para a manutenção do estado e para favorecer o auge da economia; não uso disto como a tentativa de redução da população mais idosa; não me alio ao assassino que matará ao lhe escaparem de seu poder autoritário, restando-lhe a única alternativa senão matar para que não mais seja alvo de contrariedades e dúvidas, de descaso, e não permita a liberdade.

É na sensibilidade que permito-me sentir o outro, permito-me acolhê-lo como hospede em minha casa, mas antes de tudo depois de ter-me acolhido. Nestes tempos de Pandemia o autocuidado é acolher a si e acolher outrem na sua própria pele, cuidando, gestando sentimento afetivo, sensibilizando com o cuidado e a dor do outro. Há diante de nós uma humanidade, que se perde quando tentamos dominá-la, mas que se apresenta em mundo quando deixamos manifestar a exterioridade. Acolher a humanidade como hospedeiro é abrir as portas para aquele estrangeiro que necessita de cuidado, que precisa ser velado, precisa de conforto.

Não se há na sensibilidade a incerteza de quem poderia chegar, não se faz distinção de quem está chegando, mas se faz doador primeiro do aconchego. A sensação não se toma como simples qualidade em que algo me agrada ou desagrada. A sensação não me estranha com o outro, mas permite-me ver o outro. Não precisamos realizar a experiência objetiva de todos os rostos sofridos pela Pandemia, pois, a experiência metafísica está em perceber na sensibilidade que há outros rostos espalhados pelo mundo, que sofrem. A experiência transcendente é contemplar diante de nós a presença deste rosto, que nos é exterior.

## 5 | A RELAÇÃO FRENTE A FRENTE

A relação frente a frente é denominada a partir do que se encarregou discorrer sobre o infinito e o rosto. Estar frente ao rosto que abarca “Outrem”, é estar de frente com aquilo que é irreduzível à compreensão, à “conceitualização”. Nessa relação o autor lituano nos apresenta singularmente o papel do frente a frente que não intenciona nenhuma satisfação de suas necessidades, nenhum egoísmo. Diferente da relação com ou ao lado de. Lévinas apresenta:

Uma relação cujos termos não formam uma totalidade só pode pois produzir-se na economia geral do ser como indo de Mim para o Outro, como frente a frente, como desenhando uma distância em profundidade – a do discurso, da bondade, do Desejo – irreduzível à estabelecida pela atividade sintética do entendimento entre os termos diversos – diferente uns em relação aos outros – que se oferecem à sua operação sinótica. (LÉVINAS, 1988, p. 26)

É aqui na relação frente a frente que se deduz a concretização, poder-se-á dizer

assim, da relação metafísica. Esta relação tematizada pelo Desejo, ao qual não se supre pois não é o desejo diante das minhas necessidades, mas segundo Lévinas, é “Desejo” do desejável, do “Infinito” que se revela no Outro diante de mim.

A Relação frente a frente que evoca a sensibilidade, traz à tona a temática da substituição, ou que podemos traduzir ao que já dissemos antes, a hospitalidade. Esses temas, inerentes, formam esta relação frente a frente por excelência. Como vimos, é parte integral, constitutiva de uma subjetividade que não aceita sua totalização, não se permite integrar, se tornar familiar. Se temos essa conclusão, podemos dizer que a relação frente a frente irá evocar na realidade uma relação intersubjetiva em que a hospitalidade, a sensibilidade serão guias para assegurar a incorruptibilidade da alteridade e a preservação e segurança do rosto do Outro, permitindo uma revelação do infinito.

Nessa revelação, Lévinas assenta a sua primazia na graça feminina. Antes de acolher o outro é preciso acolher a si. O acolhimento a sensibilidade primeira chama à interioridade casa, a própria interioridade. Consequentemente o acolhimento hospitaleiro segundo Lévinas poderá ser realizado. Essa intimidade da casa, manifesta com excelência na figura feminina. O feminino é a acolhida por excelência, com doçura, é uma figura para dizer que prepara a casa para acolher o indigente, a viúva, o órfão, o pobre. O termo feminino ou Mulher com a inicial maiúscula, quer representar uma figura por excelência da alteridade, que se retira para a interioridade e prepara para acolher o “Outro”. A sua interioridade constrói a subjetividade que temos retratado neste trabalho. Essa figura alude à gravidez, em que há uma retirada de si para que o outro venha a nascer. A autora Magali nos diz:

A Mulher é presença e ausência, linguagem sem ensinamento, por isso silenciosa, presença sempre discreta, segredo, mistério. A mulher não é também o *vós* do rosto (que supõe a altura); é o *tu* da familiaridade. É o único momento em que Lévinas admite uma relação com a filosofia de Buber, quando comenta que essa relação se assemelha à relação entre Eu e Tu deste autor. A forma que a Mulher tem de reservar-se possibilita a construção da interioridade do Sujeito (momento em que o humano se assume homem) – doce desfalecimento do ser, pois o surgimento da Mulher não ameaça; ao contrário, se retira para que o Outro (enquanto mesmo) possa nascer. (MENEZES, 2008)

Fundamentar esse tema intenciona dizer que a relação frente a frente não se baseia em um sujeito diante de um objeto, mas de dois sujeitos, contendo em si uma subjetividade que o constitui em uma linguagem pré-originária de seu ser. Lévinas apresenta o objetivo de desmitificar essas relações dadas pela determinação ontológica e que tem contribuído para justificar as atitudes totalitárias, que em muitas vezes gera a morte física, mas na maioria retira a esperança de continuar viver, é estar na existência e não existir. O autor lituano sentiu em sua pele esta presença totalitária quando foi prisioneiro do sistema nazista. Apesar de suas referências indiretas a isto, e quase não citada objetivamente, as consequências deste sistema é conhecida e sentida ainda nos tempos atuais.

É nesta relação do frente a frente que sustentará o período atual em que o ser humano encara o seu amanhã com insegurança pois não sabe se conseguirá superar ou talvez sobreviver à uma pandemia, e conseqüentemente aos sistemas totalitários impostos sistemas políticos e econômicos. Esta relação supera a ideia da história como finalidade do ser, supera a determinação ontológica do ser. Se trata de uma solidariedade que pode resgatar o sentido da vida, que resgata o valor de quem nos é exterior e o respeito pelo que são.

Segundo Lévinas é na relação do frente a frente que acontece a revelação do terceiro através do rosto, a revelação do infinito. Mais do que um modo de ser, é uma produção original do ser. É aqui que o Desejo abre as portas para o infinito e rompe com as totalidades vigentes. Segundo o autor, colocar o ser como Bondade é apoderar-se de um eu interior que reflete em um gesto significativo a mesma Bondade para quem lhe é exterior.

## 6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Pandemia Covid19, colocou a humanidade de joelhos, e fê-la perceber a fragilidade humana, a sua efêmera vida. Segundo Faro (2020), “a COVID-19, nome da síndrome respiratória ocasionada pelo novo coronavírus, foi inicialmente detectada em 2019 na cidade de Wuhan, capital da província da China Central” e atingiu a população sem qualquer distinção social, econômica, política, de gênero, etc. Atualmente no mundo são 25.197.938 infectados e 846.552 mortos segundo os dados oficiais apresentados pela BBC News atualizados no dia 31 de agosto de 2020.

Com efeito seguindo as estatísticas anteriores, os conceitos abordados na ética Levinassiana que nos permitem pensar os dias atuais em que a humanidade vive uma crise de uma ética que fundamentada metafisicamente respeite a vida. O que percebemos é uma ética instaurada numa ontologia que degrada a existência e profundamente o existente. Não há em certo grau a preocupação com a vida humana. Se podemos dizer assim carece de uma responsabilidade que anteriormente fundamentamos na subjetividade humana, pré-original, constitutiva do ser.

Os meios de comunicações nestes tempos são uns dos mais viáveis e mais utilizados meios que fazem uma ponte de ligação entre pessoas e podem ajudar a garantir a preservação da alteridade e da ética. A forma da hospitalidade e do cuidado se desenvolvem a partir desta interioridade do eu representado na figura do feminino em que a humanidade se cuida ao ficar em sua morada interior e de sua casa física como morada segura em que pode habitar preservando a sua saúde e a partir disso preservar a saúde de quem nos é exterior, de quem bate à nossa porta.

Existe neste exato momento a fragilidade humana na saúde física e psicológica e na linguagem Levinassiana quem carece de saúde, de cuidado, de abrigo, são os hóspedes

a serem acolhidos por nós, são os atuais pobres, viúvas e órfãos. Pelo que vivemos a ética, garantindo uma relação metafísica, poderá assegurar a fraternidade, propondo um relacionamento de caridade de gratuidade. É ser de fato uma presença ausente, podendo contribuir na saúde através de gestos simples, resguardando-se em casa, respeitando as normativas apresentadas pelos órgãos locais, nacionais e mundiais da saúde, é poder prover com o cuidado aos que sentem fome diante de um eminente aumento de desempregos e diante da necessidade do mais pobre que antes já carecia de recursos, agora ainda mais, é contribuir com o grupo de risco, é levar suprimentos aos que necessitam, é saber ouvir e ligar para quem sofre à distância.

A Pandemia talvez nos permitiu reavaliar nossos conceitos sobre as relações. Nos faz repensar a importância do outro em nossas vidas. Neste caminho ético levinassiano podemos fazer do frente a frente mediado pelas redes sociais um caminho para evocar a presença do outro, clamar pela transcendência. É momento de deixar o rosto falar, revelar o seu precioso dom, o infinito. Não se pode de certa forma garantir uma ressignificação absoluta, mas em certo grau, uma vez que fundamentamos a responsabilidade por outrem na subjetividade anterior a qualquer anterioridade podemos dizer que no distanciamento a ausência do outro está a nos afetar e com isso impera em nós o Desejo pelo infinito.

O frente a frente ainda é possível e nessa possibilidade é singular para manifestar-se a bondade que emana do coração de cada ser humano. O frente a frente como vimos é mais do que uma presença física, é uma relação transcendental. Estar à frente do outro que interpela é cuidar, é ser responsável. Somos responsáveis por quem nos é exterior e assim trazemos à memória cada indivíduo que não habita mais a existência física, mas que pela memória habita a existência transcendental. É possível pensar em cada um daqueles que já partiram e daqueles se encontram em nossa exterioridade, buscando o encontro, o diálogo, o saudosismo de bons tempos vividos e a oportunidade de sentir a dor daqueles que já partiram. Somos seres éticos, e é possível continuarmos a viver eticamente na pandemia, mas precisamos voltar para a interioridade e encontrar este Desejo, esta Bondade que está presente em cada ser e abraçar a humanidade no calor da lembrança e da memória, no abraço paterno do pensar no bem, no desejar o bem.

## REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giórgio *et al.* **Sopa de Wuhan: Pensamientos Contemporaneo en tiempos de pandemia.** Editorial ASPO, 2020.

**Coronavírus: o mapa que mostra o alcance mundial da doença.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51718755>

COSTA, Márcio Luis. **Lévinas: uma introdução.** Petrópolis: vozes, 2000

FARO, André *et al.* **COVID-19 e saúde mental: a emergência do cuidado.** Estud. psicol. (Campinas) vol.37 Campinas 2020 Epub 01-Jun-2020. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2020000100507&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)

FERNANDEZ, Atahualpa. FERNANDEZ, Athus. **Meritocracia e Desigualdades.** Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/271209358\\_MERITOCRACIA\\_E\\_DESIGUALDADE](https://www.researchgate.net/publication/271209358_MERITOCRACIA_E_DESIGUALDADE)

LÉVINAS, Emmanuel. *Ética e Infinito.* Trad. João Gama; ver Artur Mourão. Lisboa, Edições 70, 2007.

----- **Totalidade e Infinito.** Trad. José Pinto Ribeiro; ver Artur Mourão. Lisboa. Edições 70, 1988.

MENEZES, Magali Mendes **O pensamento de Emmanuel Lévinas: uma filosofia aberta ao feminino.** Centro Universitário Feevale, Novo Hamburgo, RS. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2008000100002](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000100002)

SUSIN, Luiz Carlos. **O Homem Messiânico.** Uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas. Porto Alegre , Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1984. p. 199 – 276.

TEIXEIRA, João Paulo Allaim. **Pandemia e Sociedade: Reflexos da COVID-19 na institucionalidade contemporânea.** Disponível em: <http://www.unicap.br/catedradomhelder/?p=3910>

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteridade 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17

Análítica existencial 18, 25

Arte 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 15, 17, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 88, 95

Astrologia 30, 31, 33, 37, 40, 41, 89

### B

Belo 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 55, 108

### C

Capitalismo 64, 97, 99

Carnéades 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

Ceticismo 73, 74, 75, 76, 78, 79, 81

Ciência 30, 31, 32, 33, 34, 39, 40, 41

Ciudadana 9, 11

### E

Educación 9, 10, 15, 16, 32, 33

Epistemologia 73, 76

Espiritualidad 30, 31, 88

Experimento de pensar 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 53, 55

### F

Filosofia antiga 73, 74, 101

Filosofia trágica 43, 52, 54, 55

Frente a frente 57, 58, 59, 68, 69, 70, 71

### H

Héroe 33, 35, 42, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91

História 16, 28, 48, 49, 58, 70, 73, 78, 80, 81, 95, 96, 97, 98, 99, 101, 103, 104, 108, 110

História da filosofia 28, 78, 101

### I

Identidad 9, 12, 14, 15, 16, 85

Ilusão de onipotência 18, 19, 20, 23, 24

Imaginación narrativa 9, 14, 15

Immanuel Kant 1, 2, 3

Infinito 16, 57, 58, 60, 62, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 72, 77, 103

## **L**

Literatura brasileira 9

Ludwig Edelstein 101

## **M**

Martin Heidegger 19, 58

Marxismo 93, 94, 96, 97, 98, 99

Mito 35, 38, 42, 50, 53, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

Mitologia 101, 102, 103, 104, 105, 108

Música 30, 31, 32, 33, 37, 39, 40, 41, 48, 49, 51, 52, 106

## **P**

Pandemia 57, 58, 59, 61, 62, 66, 67, 68, 70, 71, 72

Pitagorismo 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37

Platão 45, 54, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

## **R**

Realidade 18, 20, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 46, 53, 58, 59, 60, 69, 74, 78, 93, 94, 96, 97, 99, 102

Romantismo 48, 49, 50, 51, 52, 56

## **S**

Sabedoria 32, 38, 39, 83, 85, 86, 88, 89, 91

Sensibilidade 1, 2, 3, 57, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 79

## **T**

Tales de Mileto 31, 83, 86

Teoria histórico-cultural 93, 94, 96, 97, 98, 99

Totalidade 48, 51, 57, 59, 60, 62, 65, 67, 68, 72, 73

## **U**

Uno-primordial 43, 47, 48, 50, 51, 52, 53, 55

## **V**

Vygotsky 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

## W

Winnicott 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29

REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

@atenaeditora 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2021

REFLEXÕES SOBRE

# FILOSOFIA

E A PARTIR DA HISTÓRIA  
DA FILOSOFIA



[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br) 

[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br) 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

[www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br) 

  
Ano 2021